
A crítica social e a celebração ao legado da cultura negra no documentário *AmarElo: é tudo para ontem*¹

Alícia da Silva Cabral PORTO²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul,
Porto Alegre

RESUMO

O artigo em questão se propõe a observar o documentário do artista Emicida, *AmarElo: é tudo para ontem* (2020) da *Netflix*, aproximando o conteúdo dessa produção audiovisual e o movimento hip-hop com a obra da intelectual negra Djamila Ribeiro (2019). Assim, visamos compreender pontos antirracistas dentro da narrativa trazida no documentário. Na tentativa de buscar respostas para essa questão e contribuir para a compreensão desse movimento, foi desenvolvido esse trabalho, tendo como base as autoras Ribeiro (2019), Moassab (2018) e Souza (2009).

PALAVRAS-CHAVE: comunicação social; documentário; movimento hip-hop; cultura urbana; antirracismo.

INTRODUÇÃO

O *rap*, como produção artística e cultural, instiga a reflexão da memória nacional, assim como a valorização da cultura negra na vivência de afro-brasileiros. Ele pode ser considerado uma ferramenta discursiva da cultura *hip-hop*, movimento que surgiu nos anos de 1970 nos Estados Unidos.

Ainda que atualmente tenhamos diversas produções *mainstream* do gênero, que não trazem reflexões críticas ou caráter contestatório, o *rap* ainda é considerado uma forte expressão popular que caminha na contramão da cultura hegemônica. Com ele, atores marginalizados e silenciados encontram um lugar de fala para se serem ouvidos e representados.

Assim como outros gêneros musicais de origem periférica, o *rap* foi, e por vezes ainda é, desvalorizado e discriminado em espaços da mídia tradicional. Contudo, observamos que o *rap* e o movimento *hip-hop* têm ganhado cada vez mais força, tendo nomes como Criolo, Djonga e Emicida, ocupando espaços de destaque nacional. Essas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e-mail: aliciasporto@gmail.com.

personalidades são reconhecidas com respeito e credibilidade, conseguindo usar sua influência para amplificar discursos relacionados ao combate ao racismo e à desigualdade social.

Acreditamos ser de extrema relevância o estudo dessa expressão artística musical que traz em suas rimas e versos a luta por igualdade e inclusão social. Considerando isso, buscamos nesse trabalho relacionar o movimento *hip-hop* (MOASSAB, 2018; SOUZA, 2009) e os apontamentos trazidos pelo documentário *AmarElo: é tudo pra ontem* com a produção de Djamila Ribeiro (2019), em seu livro *Pequeno manual antirracista*, destacando o papel do documentário e sua relevância no combate do racismo através de sua narrativa comunicacional.

O documentário *AmarElo: é tudo pra ontem* (2020) traz o show do álbum Amarelo (2019), último lançamento do rapper Emicida, no Theatro Municipal de São Paulo. Contudo, para além das músicas tocadas ao vivo e de gravações de bastidores, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido por seu nome artístico Emicida, nos apresenta uma narrativa da história e da resistência negra no nosso país. Muito mais que a gravação de um *show*, o documentário em questão se propõe a produção de conhecimento através da celebração do legado da cultura negra brasileira.

Destaco que buscamos fazer esse trabalho também como exercício de reconhecimento da *branquitude* e com objetivo de compreendermos e ouvirmos o conhecimento trazido pelos autores e pelos intelectuais negros e negras que compõe este artigo. Realizamos este artigo com uma visão reflexiva, considerando constantemente os apontamentos dos autores para expandir a discussão e a ação antirracista.

A CULTURA POLÍTICA DO HIP HOP E O RAP NO BRASIL

No Brasil, o surgimento do movimento *hip-hop* ocorre no início da década de 1980 com o declínio do regime da ditadura civil militar. Esse período, também significou para o Brasil um contexto de crise, hiperinflação, aumento do desemprego e acirramento das desigualdades sociais, ao mesmo tempo que representou um fortalecimento dos partidos políticos e de sindicatos, assim como movimentos sociais.

É nesse cenário que começam a surgir expressões culturais de músicas e danças que, posteriormente, seriam identificadas como o movimento *hip-hop*. Souza (2009) aponta que o movimento ocupa um lugar de memória, que, assim como no período colonial, foi importante para a sobrevivência e sociabilização da população negra. Através

de seu estilo, estética e práticas artísticas e culturais, o *hip-hop* se estabelece enquanto um espaço de troca, solidariedade e coletividade.

Muitos ativistas do movimento cultural hip hop, ao evocar suas memórias, citam que, quando buscavam emprego e participavam desses momentos de sociabilidade, estavam, sem saber, na porta de entrada dos seus percursos de aproximação com o hip hop. [...] a busca por inserção no mercado de trabalho, mais a necessidade de lazer, sociabilidade e circulação cultural, fizeram com que a população negra tivesse o Centro de São Paulo como referência (SOUZA, 2009, p.72).

O *hip-hop* é um movimento múltiplo, que cria e dissemina conhecimento como ferramenta contra-hegemônica. Ele vem desafiando o saber convencional, hierarquizado na escrita formal, e traz uma produção subversiva e poderosa. Para Moassab (2008, p.181), “no *hip-hop* a mensagem está no corpo-movimento do break, no grafismo transgressor do grafite e, especialmente, na valorização da palavra”, sendo a palavra apresentada como poesias à capela nas canções do *rap*.

Além disso, o *hip-hop* compreende o valor da oralidade, conectando-se, inclusive, com a história dos povos originários desse país, tanto os indígenas massacrados, quanto os africanos roubados de sua terra. Para essas populações, a história oral faz parte de sua cultura e da sobrevivência dela, sendo esta prática mantida até os dias de hoje.

O *rap* vem como a parte musical do movimento, juntamente com os *DJs* que irão coordenar as *batidas* e ritmos em que as rimas serão cantadas. Tais canções se apresentam como mosaicos catárticos, juntando múltiplas referências e vivências dos sujeitos desse grupo que ali encontram eco. Elas funcionam como combustível para aquele coletivo. Nos versos dessas músicas, você pode encontrar referências históricas, culturais e de intelectuais, que impactam os ouvintes através das combinações que compõe a narrativa, provocando reflexões e conexões. O cotidiano, a valorização de suas origens e o enaltecimento da cultura negra são temas frequentes no *rap*, que compõem a criação de conhecimento e o resgate de identidades.

Esse movimento de recorte, apropriação e colagem é uma forma de colher as ruínas à força, tomar para si objetos culturais e da sociedade de consumo que circulam, contudo são colocados como impróprios para sujeitos que historicamente foram alijados de bens de consumo e de produção e, em alguns momentos, tornando-se eles mesmo esses bens (PITTA, 2019 p.4).

Portanto, percebemos que o *rap* não é apenas um estilo musical, mas muito mais do que isso. Ele “atua na construção das subjetividades pretas, proporcionando o

deslocamento do sujeito preto e periférico ao seu devido local de fala, afastando-o da condição de objeto; fomentando a visão crítica da realidade ao redor e também o orgulho de raça e classe” (BESSA; PAULA, 2019, p.4).

Por conta da escravidão, os africanos precisaram criar um novo modelo de organização e de coletividade para sua sobrevivência nesse país. As irmandades religiosas são um exemplo dessas criações, como apresentado pelo próprio documentário analisado. Com a constante luta de negros por dignidade, respeito e liberdade, esses espaços foram sempre necessários e multiplicados na nossa sociedade. Como nos conta Emicida: “assim, esses caras foram, de uma forma homeopática, construindo uma comunidade de cuidado coletivo” (AMARELO, 2020, 56:35). O movimento *hip-hop* não deixa de ser mais um desses espaços de acolhimento e crescimento para a população periférica.

AMARELO: TUDO PRA ONTEM E O ANTIRRACISMO DE DJAMILA

“Eu não sinto que eu vim, sinto que eu voltei. Mas para isso fazer sentido, tem que contextualizar umas paradas” (AMARELO, 2020, 1:00). Assim inicia o documentário *AmarElo: é tudo para ontem*, narrado por Emicida. A produção se centra no último álbum do artista *AmarElo: é tudo pra ontem*, que culminou no show em 2019 no Theatro Municipal de São Paulo. A partir da ocupação do rapper e de seus ouvintes do espaço físico do Theatro Municipal, assim como das ruas em seu entorno³, Emicida traz paralelos entre o presente e o passado, focando-se na luta de negros e negras marginalizados no país e na importância de reconhecimento e reescrita da história desses atores, a começar por sua presença em espaços como aquele, que foram – e ainda são – negados a populações periféricas.

Na produção, Emicida explica que a cultura *hip-hop* é uma plataforma de expressão e ocupação do centro da capital paulista por aqueles que foram excluídos e isolados em regiões periféricas da cidade. Esse movimento se expande e “se transforma no primeiro grande veículo que conecta as classes operárias aos intelectuais pretos”, aponta Emicida (AMARELO, 2020, 3:30), estando este frequentemente vinculado às conquistas da classe trabalhadora das últimas décadas.

³ Para além do próprio show na parte interna do Theatro, também foram instalados telões que reproduziram o show na parte externa do edifício.

Atualmente, podemos considerar que o *hip-hop* se faz ainda necessário na luta política, potencializando a compreensão das injustiças sociais e de como combatê-las. A periferia vai disseminar sua resistência através de manifestações culturais e artísticas,

construindo a auto-estima de seus moradores, explicando os porquês de sua situação à margem da sociedade. É nesse sentido que atualmente a sua importância pode ser comparada à dos grandes comícios operários do final dos anos 70 (MOASSAB, 2018, p.102).

Com isso, destacamos que o movimento tem um papel político, ocupando-se de desmistificar algumas noções conturbadas sobre o debate racial e social do país, como, por exemplo, o *mito da democracia racial*⁴ (FERNANDES, 2015). O sujeito das canções do *rap* (negros, periféricos da classe trabalhadora) trazem à tona questões históricas como a escravização e marginalização dos povos negros, além de incluir reivindicações e desafios dos tempos atuais. Assim, discutindo e criticando não apenas as heranças da sociedade escravocrata, como também a manutenção do preconceito racial.

No momento de efervescência do debate sobre questões de gênero e sexualidade, o *rap* também passa a ser uma plataforma para os discursos dos movimentos LGBTQIA+ e feministas. Ainda que tais pautas venham ganhando mais espaço e avançando no debate social, é importante destacarmos a necessidade de movimentos periféricos serem inseridos nessas lutas. Assim como observamos no feminismo, a invisibilização de questões relacionadas à raça e à classe são muito presentes nas lutas sociais, fazendo com que as problematizações da população branca e de classe média avancem em um ritmo muito mais acelerado.

Nesse sentido, podemos compreender o aceno de Emicida a esse entendimento de englobar diferentes opressões e lutas na canção que dá nome ao álbum *Amarelo*. A música foi inspirada em uma apresentação que o *rapper* assistiu em um evento da Casa de Criadores, em que uma artista transexual interpretou a canção de Belchior, *Sujeito de Sorte*. “Assim como o prisma decompõe a luz branca em muitas outras cores, eu gostaria de decompor o preconceito em muitas outras possibilidades unidas no AmarElo”, explica o artista (AMARELO, 2020, 73:56).

Moassab (2018, p.103) complementa que

⁴ No período do Pós-Guerra, o Brasil passa a ser visto como vitrine de convivência democrática entre suas diferentes etnias por órgãos mundiais como a UNESCO. Para Fernandes, isso não se passava de uma fantasia da igualdade racial, impossível de existir em uma sociedade recém saída da escravidão e com desigualdades presentes em diversos níveis. Ainda que a ideia de democracia racial não fosse impossível; para o autor, esta sóa construção de uma democracia na esfera econômica, na esfera social, na esfera jurídica, e na esfera política.

o hip-hop, ao construir um grupo identitário com base na localidade (periferias), classe (pobres), e etnias (majoritariamente negros), usa esta diferenciação como sua maior potência em ação. Não há intenção de parecer com o imitar o outro (do centro, ricos e brancos), mas criaram seus próprios valores e legitimação a partir de dentro.

Portanto, o hip-hop oportuniza espaços para discussão e reconhecimento de temas importantes dentro da comunidade, mas, também, para além dela. Com a popularização de novos meios de comunicação, artistas independentes conseguem alcançar cada vez mais jovens de diferentes trajetórias, localidades e realidades sociais. Nesse contexto, encontramos desde vídeos independentes que viralizam em batalhas de rimas⁵, até canais muito bem estruturados e produzidos como o *Poesia Acústica*⁶, que disseminam o rap e suas mensagens nas redes.

Nesse contexto, o rap surge com um potencial de pôr o racismo em discussão, tirando o debate racial da invisibilização ou da relativização que já custou muito a luta antirracista. Ribeiro, (2019) destaca a necessidade de colocar o tema em discussão de forma natural, a desracialização do discurso só contribui para o tabu das questões raciais: “Vejam cores, somos diversos e não há nada de errado nisso — se vivemos relações raciais, é preciso falar sobre negritude e também sobre branquitude”.

Ao falar sobre a necessidade de enxergar a negritude, Ribeiro (2019) destaca como que o mundo se apresenta para todos através da história e do olhar do branco, sendo, assim, necessário que haja um movimento ativo de reconhecimento e valorização dos negros e sua cultura. Certamente, o *rap* caminha ao encontro dessas afirmativas, representando a população periférica, majoritariamente negra, em sua totalidade e complexidade.

É importante apontar também que com grande sensibilidade, Emicida traz a reparação histórica para dentro da produção da Netflix. No documentário, ele mostra as contribuições dos negros e negras na história do Brasil por meio de um olhar pedagógico e esclarecedor. Ribeiro (2019) destaca a relevância de se trazer a perspectiva histórica, iniciando pela escravidão e todos os seus efeitos, para compreender como a população

⁵ As batalhas de rimas são parte do movimento *hip-hop* e se caracterizam como encontros entre *MCs* (Mestres de Cerimônias) que duelam com rimas improvisadas.

⁶ É um dos maiores projetos de *hip-hop* do Brasil que busca unir diferentes artistas para a produção de um *rap*, ou ainda, uma poesia cantada. O projeto é desenvolvido pela *Pineapple* e já alcançou mais de três bilhões de visualizações na internet.

negra e branca é impactada até hoje por essa ferida do passado, ainda não devidamente cicatrizada.

Para Riberio (2019, n.p), “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo” e complementa que “reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante”, contudo, são a partir de movimentos como esse que a luta antirracista cresce e se fortifica. O movimento *hip-hop* não apenas escancara a insatisfação dessa população que não se via representada, como também funciona como um canal para a mudança.

Ao olharmos para o documentário estudado neste artigo, ele aponta que a despeito do racismo estrutural, o rap emancipa jovens no país inteiro, possibilitando a autonomia crítica, assim como independência financeira⁷. Entretanto, esses jovens não querem apenas fama e dinheiro, tendo como objetivo reescrever a história desse país com personalidades negras protagonizando esse enredo – espaço negado aos negros e às negras que construíram a base da nossa sociedade.

O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram (RIBEIRO, 2019, n.p).

Podemos perceber que Emicida se identifica com as mesmas vontades, fazendo parte da construção de um documentário que se propõe a difundir as histórias e valores que importam para a luta, para a sobrevivência e para o futuro dessa população.

Não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja a única referência estética. Por causa disso, a população negra criou estratégias ao longo de sua história para superar essa marginalização (RIBEIRO, 2019, n.p)

Outro elemento muito presente no documentário é o samba, expressão artística também ligada a cultura negra desse país. Para Emicida, o rap claramente tem suas raízes no samba e, portanto, essa expressão artística se faz muito presente na sua produção audiovisual. Desbravadores e vanguardistas os sambistas, assim como os modernistas, possibilitaram uma revolução na arte brasileira, defende o artista.

Com os modernistas há uma valorização e exigência de uma arte com as nossas cores, com a nossas caras, já pela parte dos sambistas se promovia a presença de um *brasil*

⁷ O rap tornou-se também uma possibilidade profissional para jovens que são negados em outros espaços do mercado ou enfrentam diversos obstáculos para permanecer neles.

real, com a essência do nosso povo. "Ambos os movimentos deram um salto sem volta na arte do tipo é nós por nós", relata Emicida (AMARELO, 2020, 23:25).

Historicamente, os negros e as negras do Brasil tiveram sua cultura e suas criações silenciadas e criminalizadas. Para tanto, usava-se de instrumentos jurídicos como a Lei da Vadiagem⁸, que afetava sambistas e capoeiristas, além de perseguir religiões de matriz africana. A lei continua em vigor até hoje e a criminalização da cultura ainda segue na pauta dos conservadores. Em 2017, foi apresentado um projeto de criminalização do funk, definindo-o “como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família”⁹ (SENADO, 2017). A Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) da Câmara dos Deputados revogou o projeto, entretanto, ele evidencia como manifestações culturais e religiosas ligadas à população negra e periférica são criminalizadas e oprimidas pelo Estado e por parte da sociedade até hoje.

O apagamento da produção e dos saberes negros e anticoloniais contribui significativamente para a pobreza do debate público, seja na academia, na mídia ou em palanques políticos. Se somos a maioria da população, nossas elaborações devem ser lidas, debatidas e citadas (RIBEIRO, 2019, n.p).

Nesse contexto, Mestre Marçal (AMARELO, 2020, 71:27), conta no documentário que para o chefe da polícia “instrumento de tarracha na mão de crioulo era arma”. Tal afirmação não demonstra apenas o esforço para o apagamento, mas, também, o medo do crescimento dessas expressões artísticas. Entretanto, assim como o samba, a cultura negra, como vimos até agora, não tem por que ser temida; invés de excluir, ela agrega; invés de apagar, ela cria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das discussões apontadas neste artigo, entendemos que o documentário analisado serve à causa anti-racista e traduz muito das produções de intelectuais como Djamila e tantos outros autores negros e negras. *AmarElo* se mostra como uma importante produção representativa-identitária, ao mesmo tempo que didática e explicativa.

⁸ Essa lei imputava crime a quem estivesse habitando de forma ociosidade, sem renda para sua subsistência ou provê-la por meio ilícitos. Essa lei foi usada para criminalizar manifestações culturais e civis por toda a primeira metade do século 20.

⁹ A proposta legislativa recebeu apoio de 20.000 de cidadãos em quatro meses no portal e-Cidadania. No projeto apresentado, o funk era referido como *falsa cultura* e ainda argumentava que os bailes funks seriam recrutamentos “para atender criminosos, estupradores e pedófilos a prática de crime contra a criança e o menor adolescentes ao uso, venda e consumo de álcool e drogas, agenciamento, orgia e exploração sexual, estupro e sexo grupal entre crianças e adolescente, pornografia, pedofilia, arruaça, sequestro, roubo e etc” (BRASIL, 2017, p.1).

Compreendemos que o *rap* funciona não apenas como instrumento de representação e fortalecimento da identidade e cultura de um grupo, como também consegue se comunicar para fora dele, levando sua mensagem para alcançar aqueles que - comodamente - desconhecem a realidade desses sujeitos.

Também destacamos que a produção audiovisual apresenta um pouco da complexidade e amplitude da cultura negra no Brasil, que constantemente é diminuída e esteriótipos da pelo discurso hegemônico. Mostra-nos como diversos acontecimentos da nossa história são diminuídos ou completamente apagados, justamente, pelos sujeitos que os protagonizam. Fica evidente que, de fatos, vivemos em um mundo de brancos e cabe a nós também buscarmos outras referências e questionarmos a história que nos é apresentada.

Cabe a própria sociedade brasileira agir para a transformação desta, unindo-se na luta anti-racista que contribui para o crescimento do país como um todo. Se conseguirmos parar, ouvir e refletir sobre aquilo que alguns já estão cansados de nos dizer; talvez, poderemos nos tornar, de fato, aliados e ajudar para construção de um mundo mais igualitário e justo.

REFERÊNCIAS

AMERELO: *é tudo pra ontem*. Direção: Fred Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. Brasil: Netflix, 2020. Streaming (89 min)

BESSA, J. V.; PAULA, V. M. B. DE. **A comunicação insurgente do hip-hop: o rap, as subjetividades pretas e a indústria cultural**. 24o Congresso Brasileiro de Comunicação Social. Belém: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

MOASSAB, A. **Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop**. p. 300, 2008. Tese de doutorado

PITTA, A. C. **Modernidade Tardia Brasileira E a Invenção Da Memória No Rap De Emicida**. Revista Recorte, v. 16, n. 1, p. 1–17, 2019.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Kindle. Não paginado.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de Reexistência: Culturas e identidades no movimento hip-hop**. Unicamp, 2009. Tese de doutorado

BRASIL. Senado. Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa. **Parecer sobre a Sugestão n.17**, de 2017. 2017 Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7186113&ts=1571777722775&disposition=inline>>. Acesso em: 26 jun. 2021.